



BRAZIL — PORTO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

Na primeira serie d'este semanario (paginas 289 do 4.^o volume) lê-se um mui curioso artigo acerca da cidade de *S. Salvador*, que é uma das mais importantes e mais ricas do florescente imperio do Brazil. Aquelle notavel escripto nada temos que corrigir ou accrescentar, e por isso para elle remettemos o leitor, que pretender conhecer a origem, fundação e fastos da Bahia.

Hoje apresentamos o desenho do magnifico porto d'aquella cidade, que é considerado pelo habil hydrographo francez, auctor do *Piloto do Brazil*, como um dos melhores que existem na America do Sul.

«A bahia de Todos os Santos,» diz o auctor citado, «considerada em toda a sua extensão, forma um golfo mui profundo no continente; este golfo, conhecido pelo nome de *Reconcaro* (que os formosos versos de *Durão* eternisaram) tem cêrca de triuta leguas de circuito, e recebe as aguas de varios rios, alguns dos quaes são consideraveis.

«As maiores esquadras podem surgir na Bahia com segurança. Em alguns pontos, os navios, ancorados em bom fundo, resistiriam a todos os ventos, proporcionando-lhes ao mesmo tempo as costas circumvisinhas abundantes recursos.

«Do lado do oriente da entrada principal, a terra levanta-se em amphitheatro: a cidade de *S. Salvador* occupa grande parte do litoral: e edificada em

terrenos desiguaes, e divide-se em cidade *alta*, e cidade *baixa*. Depois do Rio de Janeiro a cidade da Bahia é a mais importante de todo o Brazil: calculam-se-lhe, pelo menos, cem mil almas. Alguns fortes, erigidos em diversos pontos da costa, dominam o porto e protegem a povoação: o arsenal da marinha é defendido pela fortaleza do *Mar*, situada em 12^o 51' 23" de latitude S., e 49^o 51' de longitude O., e construida sobre um banco de arça, a duzentas toezas da praia.

Para se fazer uma idéa da actividade mercantil do porto da Bahia basta dizer que os direitos arrecadados na sua alfandega e consulado, durante o anno financeiro de 1850-1851, subiram a enorme somma de 4.357:451.8642 reis, moeda fraca! Mas nem só é notavel a Bahia pela grossura do seu commercio exterior: a cultura intellectual não é ali desprezada como presumem muitos talvez; pelo contrario a cidade de *S. Salvador* contém bastantes estabelecimentos litterarios de importancia, distinguindo-se entre todos a escola de medicina. Temos á vista um bem elaborado mappa estatistico dos trabalhos d'esta escola, pelo qual se mostra que a frequentaram no anno lectivo de 1850, 215 alumnos; dos quaes ficaram approvados 196: e reprovados 7: 8 perderam o anno, e 4 deixaram de fazer acto. Este movimento consideravel mostra assas o fervor com que os bahienses se dedicam aos estudos medicos.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantêi desfeito em pranto!
Valha a desculpa, se não vale o canto.

VIII.

N'OUTRO genero, ainda ha d'elle um Canto, nas galas capaz de hombraear com produções analogas dos bons auctores. E o que celebra a intrepida ascensão do capitão Lunardi em 24 de agosto de 1794. A novidade da empreza, e do espectaculo arrebatam o poeta. O seu enthusiasmo leva-o com o navegador aerio pelos espaços do céu e do futuro, e no ardor das sensações e do espanto a admiração arranca-lhe da lyra um brado. As figuras e o estylo campeam em todo o lustre da fogosa phantasia; e á grandeza da scena corresponde a galhardia do verso. Dirigindo-se ao atrevido aerostata, Bocage com a viva commoção do perigo e do assombro exclama:

Teu espirito, insano, ah! que procura
Pela estrada do Olympo alcantilado?
Não temes despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?
Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que é dos tufões theatro á guerra)
Não temes que n'um baque pavoroso
Teu sangue purpurêe a dura terra?
Tentas, qual Prometheu, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos céus se encerra?
Ah! não, não faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

A allusão aos Gamas e aos Colombos, que domando os tremulos terrores, abriram os mares até ao berço da aurora, nasce do assumpto, e brilha com relevo. Outro bello rasgo aos filhos adoptivos da gloria, cujo berço é o theatro das façanhas, termina por este nervoso verso:

O sabio é cidadão do mundo inteiro!

Encerra-se o poema com uma imprecação á luta civil, que ardia em França, envergonhando a liberdade com a tyrannia da plebe desenfreada, e com o sangue que o delirio dos tribunos derramava para emmudecer a consciencia. E das poucas referencias ás afflicções do mundo, n'esta epocha, que se encontram nas obras de Bocage, e dos poetas contemporaneos portuguezes.

Fugi, fugi aos climas desditosos
Onde, exposta á voraz ferocidade
De monstros de impia garra, aguda preza,
Estremece, desmaia a natureza.

Temos outro exemplo ainda n'elle de allusão historica; é a famosa elegia á morte de Maria Antonieta, rainha de França, decapitada por ordem da convenção em 16 de outubro de 1794. A indignação da sensibilidade ferida estampa o cunho abraçado no verso do cantor. A ira dardeja raios nos atropellados epithetos, maculando na frente os verdugos; mas é ira severa; não se desgrenha em impetos descompostos e maldições. São stigmas e não bramidos os que solta a lyra enramada de cypreste. A nodea das lagrimas, e o córte do soluço, com

que a voz recua na garganta, realçam pela ternura viril o desabrimento da musa. Sobre as ruinas de uma sociedade em agonia, olhando para a sombra dos cadafalsos, manchas da liberdade, vendo um povo inteiro abrir as veias diante do medo de alguns furiosos, o poeta pede ao Dante austero o seu terceto, e faz retinir, como aço, os metros vingadores:

Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue ou lagrimas enchutos!...

Augmentando-se a vehemencia perante o espectaculo doloroso, exclama mais alto ainda:

Crimes soltos do inferno a terra atroam,
E em torno aos cadafalsos lutosos
Da sedenta vingança os gritos soam.

.....
A brilhante nação que blasonava
D'exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava.

.....
Vae grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra lavareda exposta ao vento:
Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Que vigoroso buril! Como a elegia, d'entre os prantos funebres, ergue aqui a fronte coroada de goivos, recordando a angustia sublime da antiga Electra! Antes de se ajoelhar, beijando a lapide sepulchral com os labios pallidos, carrega como pé sobre o horror do crime, e alçando o tom, incendida a face, altivo o gesto, faz curvar o futuro, que se avizinha, dictando-lhe a sentença dos nossos dias!

Vicenzo Monti, nos celebrados *Cantos da Basviliana*, tambem no rigido e acerbo terceto dantesco vingou com valentia igual o sangue de Hugo de Basseville, assassinado indignamente em 1793 em uma sedição da plebe romana. As proporções do seu poema abraçam maior perspectiva, do que a estreiteza do genero seguido por Elmano. O exordio sae por um movimento cheio de imagens, cujo effeito é deslumbrante:

Gia vinta dell'Inferno era la pugna,
E lo spirto d'Abisso si partia,
Vola stringendo da terribil uigna.

Come lion per fame egli ruggia
Bestemmiando l'Eterno, e le commosse
Idre del capo sibilâr per via.

Allor timide l'ali aperse e scosse
L'anima d'Ugo alla segunda vita
Fuor delle membra del suo sangue rosse:

E la mortal prigione ond'era uscita,
Subito indietro a riguardar si volse
Tutta ancor sospettosa e sbigottita.

A poesia de Bocage, que tem tercetos que não cedem a Monti, e versos de um impeto, que disputa comparações aos jambicos afamados de Chénier, suavisa-se por uma gradação habilmente conduzida, e contemplando a immortalidade consola-se das tristezas da orphandade e do terror. A figura da rainha de França, resignada, e já ceeste pela formosura do martyrio, offerece encantos e doçura que suspendem. Com a opposição das tintas fortes e sombrias na pintura dos algozes, ainda mais destaca a harmoniosa belleza da victima:

Já cerrados estaes, olhos divinos;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.

Do rei dos reis na còrte luminosa
Revez o pio heroe, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os louros gosa.

Na mente vos observo: cil-o a teu lado
Implorando ao Senhor, que os maus flagella.
Perdão para seu povo hallucinado.

Despido o véu corporeo, oh alma bella,
No seio da immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella.

Eis a elegia moderna! De que serviria notar em outras do poeta os trechos, que as exaltam, e os defeitos, que as assombam! Dado assumpto grande e adequado, este canto não mostra quanto podia ousar o engenho, apesar de quasi captivo pelo molde? Se alcançasse a nossa idade, com a isenção e as liberdades que a arte conquistou, até aonde chegaria com o genio?

Quando assim se julga, e ao lado das obras filhas das idéas litterarias do seculo 18.^o se collocam os nomes e as produções dos auctores actuaes, está longe da mente o vicioso methodo de sair do merito intrinseco para o vago paralelo de confrontações, que tiradas em rigor seriam erroneas pelo menos.

Bocage não podia ser senão Bocage. A discussão sobre as regras e os modelos dos antigos, travada entre a escola classica e os innovadores, não tinha passado a fronteira, deve suppor-se; ou se a atravessou, o homem menos apto para lhe colher o sentido era Elmano na mocidade, e com as impacencias de repentista. Se lhe escapam algumas faíscas, se o calor dos sentimentos lhe inspira em diversas poesias os trechos, que excedem o estadio usualmente percorrido, e a indole do seu engenho, notando-as, não se quiz senão tornar sensível a transição, que ia operando-se lentamente.

O que succedeu com Philinto, Macedo e outros, aconteceu com Manuel Maria. Somente de todos elles (ousámos crel-o!) este foi o que nasceu dotado de mais prendas para illustrar um periodo de renovação. Aonde lhe fogem da vista os traslados, e não encontra as machinas mythologicas para fazer firmeza, as graças com formosura propria sorriem nos seus versos. Attestam-no os exemplos citados, e o que falta expôr não é provavel que o destrua. Não ha ainda no trama do tecido poetico a novidade de matiz, e a franqueza de episodios, que de Chateaubriand e Byron por diante sujeitam as formas á acção, o labor á scena, e o estylo aos costumes em rasgadas pinturas da natureza; mas no fundo do quadro, gasto dos empréstimos de tantas gerações de vates, entre as tintas desbotadas de tantas copias, sente-se já como um reflexo das idéas proximas, e uma aragem mais animada vem refrescar a aridez da imitação. A musa nacional ainda está distante dos lares da arte, segundo a phrase de um critico recente, porém o echo do seu canto, com aquelle timbre juvenil que sôa vivo, já se annuncia de longe, afinando aqui e acolá uma nota feliz no meio da uniformidade.

Quando Elmano expirou em dezembro de 1805 havia cinco annos que o futuro ministro de Luiz XVIII tinha publicado Atala; e tres que o Genio do Christianismo levantara com a eloquencia da razão os aliceres da escola do maravilhoso christão. Estes ensaios, é duvidoso comtudo que se naturalissem desde logo, e a ponto de formarem seita; mesmo no foco intellectual de França, sobre tudo o ultimo, encontrou a resistencia contumaz dos inva-

lidos do Parnaso. Os Martyres, a epopéa da religião, e a demonstração plena da fecundidade da nova doutrina, só viram a luz em 1809, sendo morto Bocage; e a sua vulgarisação na copiosa versão de Francisco Manuel, tão auspiciosa para os poetas da renascença romantica, veio tarde de mais para o traductor de Delille e de Castel. As letras allemans, e a poderosa iniciativa de Goethe, escusado é dizer, que só quasi no fim do primeiro quartel do seculo 19.^o principiou a sentir-se em Portugal, e com bem fracas sympathias ainda. Lord Byron, o cantor com quem mais afinidade tomara o engenho de Bocage, não estampou os seus preludios metricos, as Horas de Ociosidade (*Hours of Idleness*) senão em 1805, no mesmo anno do fallecimento de Manuel Maria, e só em 1809 verificou a viagem á Hespanha e a Portugal, de que o Child Harold é a recordação injusta e admiravel ao mesmo tempo. Assim as perspectivas da inspiração e do gosto não tinham mudado; por isso, no louvor e na censura, nunca separámos Elmano da sua epocha, nem o julgámos fora d'ella. Considerámo-lo sempre no ambiente, que respirou, e na sociedade, que o influiu. O contrario era falsificar-lhe a physionomia, dando á critica uma direcção, que não comporta.

No apologo Curvo Semedo vence a Bocage, como no dithyrambo Belchior não cede a primazia a nenhum. Os toques de ingenuidade e malicia, e o relevo da concisa moralidade, que alegram com a phrase, e o requebro desaffectedo do verso, tornam deliciosas as suas fabulas, dignas de se desvanecer com alguma d'ellas a propria penna do mestre. Francisco Manuel, na traducção de Lafontaine, prodigalisou os thesouros da lingua, cuidando supprir com esta gala um pouco forçada o que falta em sabor picante á sua copia, comparada ao original. Semedo não; sem esforço sobresa e com a naturalidade, e fica em pé, mesmo em presença do traductor dos Martyres. Mas o soneto, o idyllio, e a cantata, tres generos cuja difficuldade nem sempre é recompensada pelo exito, são a corôa de Elmano. Pode asseverar-se affoutamente que não teve competidor quanto ao primeiro, e que a respeito dos segundos não receia medir as composições com as melhores!

O soneto deveu-lhe uma superioridade, que depois, e antes nunca teve. Rivalisando com o Petrarcha, se a miúdo o não offusca, faz pasmear a facilidade com que entra na estreita medida imposta pelas regras. Modulando os tons mais arduos zomba dos curtos limites concedidos á idéa, e aligeira, como se lhe não pezassem, as prizões artificiosas da metrificacão. As suas victorias quasi que se contam pelos combates nos variados typos que deixou. A viveza une-se á valentia do metro, e á opulencia da rima. É uma galeria de inimitaveis miniaturas, muitas respirando a malicia de um painel de Hogarth, estas exprimindo os sentimentos e os affectos delicados em mimoso apuro; aquellas, reproduzindo os movimentos impetuosos do amor e do ciúme em passos vehementes. N'estes quadros de espontanea perfeição, ou estale a risada de Juvenal, ou se queixe a ternura de Propercio, ou a aspiração catholica eleve o canto, a chave de ouro arremata sempre com realce, e corôa de brilhante conceito o verso ultimo.

Em Bocage acha-se realisado o dom de Apollo, a que allude o auctor da Arte poetica. Vencidos os obstaculos, de proposito accumulados para precipicio dos temerarios, a suprema belleza desce sobre o poema; e não é sem motivo que Boileau accrescenta no canto II:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème :
Mais en vain mille auteurs y pensent arriver ;
Et cet heureux phénix est encore à trouver.

Essa raridade, que o critico julgava impossivel, á força de a repetir, acostumou-nos Manuel Maria a reputar-lhe em menos a difficuldade. Nos repentes, nas maguas, ou nas iras, o soneto era a sua forma predilecta. Podem citar-se duzias d'elles excellentes ; e pelos rapidos esbocetos aonde a travêssa malignidade carregou o retrato das suas victimas é ainda facil reanimar na figura e na expressão bastantes d'ellas. Algumas vivem ali eternamente por infelicidade sua, votadas á immortalidade do ridiculo, por um lapis sem rival!

Nos idyllios (e escreveu não menos de vinte) não observou tanto o exemplar de Virgilio, como se inclinou ás modificações introduzidas por Gesner. Esquece-lhe frequentemente o preceito capital, e rrebata-se em figuras superiores á modestia do assumpto, perdendo da vista a simplicidade, que é a flor do genero. Lendo-se alguns logares lembra logo a censura de Bernardes :

Está tão mal a um pastor de cabras
Tratar de astrologia e medicina,
Como a um grande rei de gado e lavras.

Quer adopte a narrativa, quer ponha em scena a ecloga dramatica, Elmano pouco sustenta a graça e a frescura dos quadros pastoris, disfarçando o que a forma envolve de falso e constrangido. A symetria, a repetição, e as descripções, ás quaes um fio tenue conserva apenas o equilibrio entre a ingenuidade verdadeira e a affectação amaneirada, violentam-no, e a indole acaba sempre quebrando o molde em algum esforço mais rijo. Succede-lhe o que Boileau disse de outros. A ilausta rustica impacienta-o com a monotonia, e pouco tarda que não emboque a trombeta no centro dos bosques, fazendo espavorir o medroso Pan, e os Sylvanos, e affugentando as nymphas assustadas. Bion e Moscho, se acaso o guiam, é de longe ; os mais bellos passos de Bocage não descendem da Morte de Adonis nem do Amor Fugitivo. O que se admira, por exemplo, no seu idyllio de Tritão, são qualidades de estylo estranhas á poesia campestre. Naquelle figura magestosa ha tudo, menos o que permittem as regras. A descripção toma a grande altura, e a voz do amante geme em accentos tragicos, embora um ou outro periodo mais flexivel lhe adoce os tons. Nesta ecloga o poeta luta em elevação com os epicos, e recorda bem pouco a lição de Theocrito ou de Virgilio :

Luziam-lhe as espadas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O luzio atreador nas mãos callosas :
Conchas da côr do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Igual na ligeireza ao proprio vento :
Da barba salsa gotas lhe caíam,
E nos olhos, que amor afogecava,
Em borbotões as lagrimas ferviam.

Como estamos proximos do Adamastor de Camões ! Dos vaqueiros, ou dos pescadores, que disputam em contendas metricas nos dialogos de Rodrigues Lobo, e dos imitadores, que deixa bem distantes da sua harmonia singela, é que não achamos senão a sombra. Vejamos agora como Lilia em um instante se apodera da alma apaixonada de Tritão :

Um dia a viu na praia, e só de vel-a
Seu coração feroz enfeitigado
Voou, gemendo, para os olhos d'ella !

As imprecações nascidas da contradicção entre a ternura e a ira das palavras, e os encontrados transportes do ciume e da ameaça, estão pintados com o maior vigor n'este formoso poema. O mesmo defeito e a mesma elegancia, mas em diferentes proporções, se nota na contextura e execução das outras eclogas. Pelas suas tendencias, o poeta avisinou-se mais do canto elegiaco de André Chénier, nos idyllios do Cego e da Liberdade, do que estudou a escola já reprehendida por Fontenelle. O perfume pastoril e sentimental de Gesner rescende ás vezes tambem nos seus versos, mas pouco activo.

Causa pena, que em uma forma tão facil de enriquecer pela representação de paizagens novas e rissonhas, como as da Asia e de Portugal, Bocage ficasse inferior ao Alyarenga, e não se mostre primoroso senão em lances patheticos, e vôos epicos, que o genero dispensa, se não condemna !

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

SANSÃO NA VINGANÇA !

(1830)

E sacudindo (Sansão) com grande força as columnas caiu a casa sobre todos os principes, e sobre todo o povo que estava n'ella ; e foram muitos mais os que matou morrendo, do que os que matara antes quando vivo.

JUIZES, cap. XVI, v. 30.

VI.

O PELOURINHO.

NEM todo o dia 28 de outubro de 1830 passára tão poeticamente para Luiz Osorio, como aquellas horas de colloquio com Eugenia, na gruta de Camões ; antes e depois d'esses doces momentos, tivera muito que fazer a bordo com a denuncia dada pelo condestavel contra o patrão da lancha ; aquelle persistindo na accusação, este negando com o maior sangue frio, nada se podia concluir ali, e era preciso mandal-os ambos, bem escoltados, ao logar de Matapau, para ver se se descobria a casa, ou algum outro indicio da conjuração ; foi isto o que aconselhou o tenente, e cuja execução se reservou para o dia 29 : o resultado da indagação vae o leitor conhecel-o.

Eram oito horas da manhã. A fragata D. Maria II e a corveta americana Marion, fundeadas no porto da Taipa, estavam garbosamente embandeiradas em arco, da mesma forma que as corvetas Iris e D. João I, que ancoravam no porto interior, em proximidade da alfandega ; o dia nascêra formoso, um brilhante sol fazia luzir a artilharia dos navios, e avivava as cores das bandeiras : era um dia de festa, o anniversario de um principe sabio, parecia que tudo respirava alegria a bordo da nossa pequena esquadra.

Nem tudo, nem todos. Dous homens desciam a essa hora as escadas do portaló da fragata, ambos de gesto sombrio ; alguns soldados os escoltavam, e o guarda-marinha Innocencio seguia a comitiva, encarregado de dirigir as indagações em terra, e entregar

Ahuy ao procurador da cidade. O outro dos prezos, era, já se vê, o nosso João Antonio.

Deixaremos por agora os navios, e seguindo a lorcha, que abica á Praia Grande, veremos desembarcar os prezos entre duas fileiras de soldados, e atraz d'elles alguns chins da tripulação do barco, que vão ser perguntados pelo interprete da lingua synica ácerca do assumpto da denuncia; finalmente o guarda-marinha Innocencio, que vem conversando com o capellão e o escrivão da fragata, cuja boa estrella os guiou n'este dia para fora do navio!



(LORCHA CHINEZA.)

Encaminharam-se para o largo do Senado a buscar o procurador e o interprete, e logo que estes se incorporaram no prestito seguiram direitos a Matapau. Ahi repetiu João Antonio a sua deposição, e procurou debalde a casa em que estivera dous dias antes; entrou em muitos *chaes*, penetrou em muitas barracas; todas se pareciam, mas nenhuma era a que elle buscava. Em vão carregava em quantas saliencias via pelas paredes, buscando a mola do alçapão; por fim já lhe parecia que fôra um sonho tudo que vira no conselho dos anciãos, e n'uma perplexidade estúpida declarou que não atinava com a casa, que a haviam tirado d'ali, ou que nunca existia.

Innocencio ficou bastante penalizado com este desfecho, porque antevia o que teria de soffrer o soldado, tomando-lhe porventura como effeito d'embriaguez aquella denuncia, que se não provava; João Antonio emmudecêra, e seismava n'aquelle mysterio por tal forma, que teria endoudecido se homens d'aquella ordem pudessem enlouquecer; quanto a Ahuy, que havia mandado previnir o chefe dos anciãos por um dos marujos da lorcha, estava certissimo que não se encontraria a casa, por que tudo estaria mudado áquella hora. Assim succedeu; João Antonio carregava com as culpas, e em outro paiz qualquer seria logo posto em liberdade o accusado; porém em Macau ha um processo especial para administrar justiça aos chins, e os meus leitores vão ver por que forma Ahuy foi convencido de crime, e como se descobriu quem era este personagem.

O guarda-marinha despachou dous soldados de escolta ao condestavel, e disse-lhes que embarcassem n'algum escaler que estivesse na alfandega; escreveu á pressa um officio de poucas linhas, narrando

o resultado da investigação em Matapau, e entregou-o a um dos soldados; depois cortejou o procurador, e retirou-se, deixando-lhe Ahuy, os chins da lorcha, e o resto da tropa.

Acompanhe-nos o leitor á procuratura da cidade, e encontrará um tribunal como não podia suppor que existisse ainda no seculo 19.^o, em um paiz que se diz portuguez e civilisado!

Em um dos lados de uma praça triangular está situado o palacio da municipalidade; esta corporação ainda ali tem o pomposo titulo de Leal Senado de Macau, mas nenhuma das suas antigas attribuições governativas; é porém composta pela seguinte forma: — um presidente, dous vereadores, dous juizes ordinarios e um procurador, todos de eleição popular; reunidos, não tem mais prerogativas do que qualquer camara do reino; funcionam porém, alternados, na junta de justiça, tribunal superior da provincia imaginaria de Macau, Timor e Solor; mas o procurador, por si só, exerce uma auctoridade sem limites sobre a população chinesa da cidade, isto é, sobre nove decimos dos seus habitantes. N'esse mesmo edificio do senado está o terrivel tribunal da procuratura; tem um interprete superior do idioma chinês, e outros subalternos a que chamam *linguas*; tem meirinhos e carrasco; e tem além, no meio da praça, essa columna de pedra que, em outra parte, só denotaria o fôro da povoação, mas que n'esta cidade é um logar de supplicio e exposição de criminosos: o pelourinho!

Ali se amarra com a propria trança, e de barrete na cabeça designando as culpas, á guisa de carocha da inquisição, o miseravel ratoneiro que não teve com que amaciar a policia! Ali se prende o infeliz que roubou um pão ou algumas sapecas, para levar centenaes, milhares de pancadas com um grosso bambu! Ali se arranca a pelle ao criminoso que não tem dinheiro para se remir... e tudo isto por sentença do procurador, que é graduado mandarim do imperio celestial, mas não graduado em leis, e mediante um processo verbal e summario, em que intervem o interprete ou um dos linguas, porque o procurador vulgarmente não falla chinês, além de não saber mesmo ás vezes escrever o seu nome, nem ter as menores noções de direito. Este funcionario tem, afôra a sua agencia, trescentos taéis de ordenado, apesar de ser eleito pelos seus concidadãos, e gosar das horas de mandarim chinês.

Explicado pois o que é o procurador e a procuratura, vejamos entrar o esguio mandarim *in partibus*, seguido do interprete, dos linguas, dos meirinhos, da tripulação da lorcha, dos soldados, e do povo que acode sempre a estes espectaculos *gratis*, com a curiosidade de gente ociosa. Mesmo no vestibulo do palacio começa o interrogatorio do réu e das testemunhas, e como nada se conclua de seus depoimentos, manda o procurador amarrar Ahuy ao pelourinho, e ordena que seja fustigado por outro alentado chin. O padecente não grita muito; como o geral dos seus compatriotas quando os flagellam, soffre calado aquelle inclassificavel arbitrio, e todavia já o sangue lhe escorre das feridas, e a pallidez lhe assoma ao rosto. Depois de receber uns duzentos agoutes, manda o procurador retirar-o do pelourinho, e ameaça o resto dos tripulantes da lorcha de soffrerem igual sorte se recusarem como Ahuy confessar aonde se reúne o conselho dos anciãos, e que genero de relações existe entre o proprio Ahuy e esse conselho.

Aterrado pelas ameaças, um dos mais jovens de entre os marinheiros chins depõe que era verdade existir a casa mysteriosa em Matapau, mas que desde a vespera os seus moradores haviam fugido pa-

ra Cantão; que Ahuy se fizera patrão da lorchá com a intenção de prejudicar os christãos, e que aquelle disfarce encobria o mandarim da cidade, que fugira por occasião do assassinato do *pintau* (palavra chinesa que designa um *caudilho*, *chefe de soldados*, e que elles applicam ao governador de Macau).

N'esse calamitoso dia o procurador teria receio só de encarar o mandarim, seu collega, mas agora era differente; resolveu elle em sua alta sabedoria reenviar para bordo o pobre Ahuy, mas antes, pelas duvidas, mandou-lhe dar outros duzentos agoutes, que o misero soffreu com a maior resignação (1).

Era quasi uma hora da tarde quando se concluiu este auto de fé; já as fortalezas da cidade e os navios de guerra nacionaes e estrangeiros haviam salvado, e o conselho do governo recebia os cumprimentos dos ministros estrangeiros e das corporações nacionaes pela festividade do dia, quando compareceu no palacio o nosso procurador, que tambem pertence ao conselho, e que vinha dar parte aos seus collegas do famoso achado que fizera; approvado o seu procedimento, resolveram entregar a causa ao juiz de direito, para desde o seguinte dia proceder ao competente processo.

Em quanto porém Ahuy e os outros chins embarcavam na lorchá sob a vista dos soldados, e se encaminhavam para a Taipa, outros successos tinham logar a bordo da fragata D. Maria II, que preparavam o tragico fim d'esta historia, como verá quem lêr o seguinte e ultimo capitulo.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE. (2).

Como todas as ilhas d'este archipelago, a de Santiago, ou como disse a de Cabo Verde, é orlada de uma quantidade mui grande de calhetas, portinhos e abrigos (pela maior parte só proprios para lambotes e embarcações menores), os quaes me não demorei a designar pelos seus nomes para me não tornar fastidioso, e até porque de uma grande parte até já elles me esqueceram: ha porém alguns que não são indignos de que faça d'elles menção especial, já pela sua tal ou qual importancia commercial, já pela capacidade do seu fundeadouro, onde podem ancorar bem á vontade escunas, brigues e até embarcações de maior lote; ainda que a todos faltam algumas das condições que são necessarias a qualquer fundeadouro para merecer o nome de porto.

Deixando para ultimo logar o que a todos os respeito merece a primazia, estes portos são os seguintes:

O porto da *Cidade*, ao sudoeste da ilha, e que dista da villa da Praia umas seis milhas. Ainda que é ordinariamente procurado só pelos lambotes, e algumas pequenas escunas, podem n'elle fundear grandes embarcações, como brigues e até galeras; contudo sómente é procurado por alguns estrangeiros, que não são enganados pela apparencia de rica e vasta povoação, que em distancia parece haver ali, ou para fazerem a salvo o contrabando. Era nos secu-

(1) Esta scená de invenção não é menos verdadeira no fundo, posto que os accessorios o não sejam. No proprio boletim official da provincia se encontram d'estes julgamentos.

(2) Continuado do n.º 25 do vol. 2.º, serie 3.ª

los 16.º, 17.º e ainda em grande parte do 18.º um porto frequentado: e só começou a decaír depois que a companhia do Grão-Pará e Maranhão prohibiu aos seus navios que demandassem aquelle ancoradouro; e que o governador Joaquim Salema de Saldanha Lobo, em 1770, transferiu de direito a sua residencia e a das repartições superiores para a villa da Praia, em observancia do alvará de 14 de agosto de 1612, que assim o tinha determinado, mas que até então ficára em letra morta. E' pouco abrigado no tempo das aguas, e muito cheio de rato, o que se attribue á incuria com que as autoridades toleravam que as embarcações, que ali iam carregar, lançassem ao mar os seus lastros de pedra (o mesmo ha de succeder a todos os outros portos da provincia se não se cuidar mais do que se tem até agora feito na observancia do regulamento dos portos de 23 de dezembro de 1842). Ainda hoje ao pé de terra, confrontando com as torres da Sé, ha um bom pedaço de ancoradouro de fundo de arêa, onde não chegavam as embarcações grandes por a dificuldade e perigo da saída, nas occasiões de travessia, e que por isso escapou á má sorte do restante.

O porto da *Ribeira da Barca*, a oes-noroeste, e distante da cidade umas vinte milhas. É pequeno, pois apenas poderão estar n'elle fundeados quatro brigues ou cinco ao mesmo tempo; com o espaço necessario para carregarem, mas abrigado, e de bom fundo, e a pouca distancia da terra, o que é muito commodo para carga e descarga.

Ainda que todos os annos vão a este porto patachos e brigues carregar purgueira e milho, e que ainda em principios de 1842 ali fossem algumas barcas estrangeiras, antes que o governador geral Bastos fizesse observar as leis que vedam aos estrangeiros a entrada em portos sem alfandega, e os principios de direito publico, que lhes vedam o commercio e navegação de cabotagem, houve já um official da nossa marinha de guerra, que sendo commandante d'uma pequena escuna, empregada no serviço da provincia, teve medo, ou fingiu tel o, de demandar este porto e de n'elle ir fundear em cumprimento de ordens superiores, que força foi revogar por um motivo bem facil de apreciar, e que por isso é desnecessario que aqui o declare!

É um bom ponto de commercio pelos muitos artigos de producção do paiz que a elle se podem facilmente trazer, e que com a mesma facilidade se podem carregar a bordo dos navios. Se a capital da provincia se transferisse da villa da Praia para o sitio d'Achada-Falcão, que lhe fica a distancia apenas talvez de meia legoa, este fundeadouro cresceria em importancia pelo movimento maritimo que logo se havia de estabelecer; e a povoação proxima, que ha pouco mais de onze annos começou aqui a fundar-se, e que vae crescendo pouco a pouco, chegaria em pouco tempo a mui alto estado de grandeza e de prosperidade.

A *bahia do Tarrafal* encostada ao monte do mesmo nome de Tarrafal, e situada a N. da ilha, offerece aos navios um bom porto, limpo, e que é seguro no tempo das aguas, ainda que bastante desabrigado, e por consequente não sem perigo no tempo das brizas. Tem bom fundo de arêa fina de 8 a 12 braças de profundidade, e é bastante frequentado pelos navios que vão buscar purgueira, como d'antes o era pelos que iam carregar urzella. Os baleeiros tambem frequentavam muito este porto ha cousa de 14 annos, e não sei se ainda agora os deixam lá ir.

Não ha n'este sitio povoação alguma, o que tor-

na este porto muito accommodado ás operações do commercio fraudulento por meio das quizes introduzem os contrabandistas generos prohibidos, e mercadorias que o não são, mas de que não querem pagar direitos. Desde 1842 até 1847 estas fraudes quasi que exclusivamente se realisavam por meio dos navios baleeiros, o que a tornava muito menos importante: depois que se permittiu aos estrangeiros que fossem a este e a outros portos chamados do interior, consta-me que as fraudes tomaram tamanhas dimensões, que o commercio licito da villa da Praia chegou a resentir-se. Mais modernamente não sei se se tomaram algumas providencias tendentes a fechar de novo este e os demais portos aos estrangeiros; ao menos eu tenho uma idéa confusa, de que assim se fez, a instancias do sr. deputado Arrobas. Desejo muito que seja assim.

O porto de *Pedra Badejo*, situado a L. da ilha, dista da villa da Praia umas quatorze milhas, pouco mais ou menos. É porto seguro, e como tal muito frequentado, na estação das aguas e mezes proximos, mas é por isso mesmo de algum risco no tempo das brizas. Aqui costumam vir embarcações carregar de milho, e feijão chamado vulgarmente favona, assim como semente de purgueira, artigos que concorrem com muita abundancia para a exportação.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

IV.

O dever.

ESTUDANDO a marcha dos acontecimentos da Europa actual, que se apresenta cheia de vida, de actividade e de industria, assim como as phases ou circumstancias, que têm acompanhado o seu desenvolvimento, vemos uma politica menos reflexiva trilhando veredas oppostas, e fazendo alentar com reconhecido estudo tendencias notaveis, ou para uma retrogradação insensata, ou para os excessos d'um maior impulso no espirito do progresso. Sabemos é verdade, que a lei que preside a este, é a lei da propria natureza; mas tambem conhecemos que esta é lenta na sua marcha, que as suas forças têm limites, e que só no equilibrio d'ellas está a sua conservação. Pretender passar além sem pôr cadêas razoaveis a essa expansão, que tanto lisonjêa o coração do homem, que pela sua natureza corrompida é mau, é querer igualmente retrogradar á infancia da sociedade, ou antes a um estado de liberdade selvatica. Pretender vincular em extremo as acções do homem, soffrendo contrariedade absoluta, e a reacção de idéas, que já formam para o mesmo homem um codigo, um dogma, é desconhecer no estado presente o imperio da superioridade intellectual e moral. Por tanto ambos os principios pela sua demasia poderão encontrar-se, ou atrahir-se; um por caminhar de mais, e porque á força de se apurar, se desvirtua; outro porque debalde trabalha em procurar os mesmos elementos para a sua recomposição, que já não encontra: para este falham completamente os recursos da synthese; e para aquelle tornam-se infructiferos os da analyse; porque tambem á força de tanto definir os direitos do homem, estancam-lhe todos os mananciaes da sua real e solida felicidade. São verdadeiras utopias.

No meio de todas estas considerações, em que di-

vaga o nosso sentir, temos sempre a olhar o espirito militar, em razão dos diversos aspectos, que nos offerece, como o principal elemento a operar conjuntamente com os outros constitutivos da sociedade. Muito se tem agitado nos tempos modernos a importante questão dos exercitos permanentes; mas qualquer que seja a face, que possa apresentar, discutida ella; nenhuma outra resolução poderia ter, que não fosse aquella, filha da necessidade, em que estão os povos de fazer a guerra, para repellir as aggressões, que lhes são feitas, e defenderem-se, ou para recuperar legitimamente direitos usurpados; e não para atacar e conquistar: as necessidades politicas equivalem ás melhores razões. Logo só devem fabricar o instrumento de guerra para aquelles fins, e já mais para transtornar os destinos pacificos dos povos, ou para sustentar os interesses de uma facção, ou de um poder.

Assim, para purificar o espirito militar em relação aos pontos de vista, em que o consideramos n'estes diversos quadros, que vamos traçando, da vida das armas, é mister invitar, e reduzir aquelles que a exercem ao desempenho absoluto dos deveres d'um acrisolado civismo. Com effeito ha uma lei de relações, que obriga todo o mundo: ninguém a desconhece; basta boa fé, e razão clara. Cada um em virtude d'esta lei deve praticar certas acções, e omitir inteiramente outras. A sua linguagem é na verdade imperativa; manda, ou prohibe; até violenta, e d'algum modo tyrannisa a nossa vontade: n'isto se dá o bem do homem. Por tanto ha deveres para elle; e se falham esta condigão, este grande movel, nenhum sentimento haveria de condemnação, ou de premio; de bem, ou de mal; de vicio, ou de virtude: cada um só praticaria aquillo, que lhe aprouvesse.

Toda a moral, todos os deveres civicos se refundem nos seguintes preceitos fundamentaes, sancionados pelo tempo, pela razão eterna, e pelas tradições religiosas, e philosophicas, ainda as mais remotas.

— Não façaes a outrem aquillo, que vós não quereis, que se vos fizesse.

— Tratae os outros homens, como desejarieis, que elles vos tratassem.

— Amac o vosso proximo como a vós mesmos.

Esta triplice formula importa regras de proceder, eminentemente santas e populares: é fecunda e luminosa em todas as suas generalidades.

Militares: Os vossos deveres são innumeraveis: a vossa intelligencia vos descortina os meios de procurar a maior somma de felicidade para os vossos semelhantes, fazendo reinar a fraternidade pelos bellos sentimentos de uma justa liberdade, e razoavel equidade: conformae-vos com as leis da razão, e da consciencia por ella illustrada. Olhae, que estas tambem vos dictam, que a humildade, virtude tão apreciavel, bellamente se pode alliar, assim como todas, com o character militar. É necessaria em todos os instantes da vida do soldado; deve acompanhal-o desde o momento, em que elle empunhar as armas, até ao mais elevado grau da escala militar, a que possa ser chamado em razão do seu merito e serviços. A humildade, de que aqui fallamos, não é a humildade evangelica, que consiste n'uma sublime pureza, aquella que prescrevemos é toda philosophica: certamente não quereamos mysticos; mas sim patriotas.

Os vossos direitos são tambem innumeraveis, mostrae-vos diligentes no exercicio d'elles, ou no modo de os fazer valer, isto é, na exigencia dos deveres, que possam corresponder-lhes da parte dos outros homens, sem lhes causar a menor quebra, ou detrimento. Sabei que o dever é o unico soberano; só elle

tem legitimo imperio sobre a nossa vontade. As paixões todas, e todos os sentimentos que podem agitar a alma, têm a ceder-lhe a preferencia, obedecendo-lhe, curvando-se diante d'elle, e até emmudecendo; é universal e immutavel, como a lei natural, donde elle nasce. « *Nec vero erit (diz o immortal oraculo da liberdade romana) lex alia Romæ, alia Athenis, alia nunc, alia posthac.* »

Felizes aquelles paizes, que têm produzido homens cheios de santo amor patrio, e de fidelidade militar, como um d'Assas, como os dous Regulos, romano e portuguez, como um Gonçalves de Faria, e outros. A historia geral e militar citarão sempre com interesse o nome d'estes heroes, admiraveis prototypos de virtudes civico-militares; assim o merito de taes acções, em tudo distinctas, dá-se na execução d'esse sagrado dever, que olhámos como verdadeiro eixo, em que gira a esphera da sociedade. E diremos mais, que esse dever da parte d'aquelle, que exerce a profissão das armas, não consiste unicamente em saber votar-se com brandura pela pátria; mas em saber viver como homem, e como cidadão, isto é, de modo que contribua, quanto possa ser, para a prosperidade da nação, a que pertença. E pois ao militar, a quem mais cabe a guarda d'este posto glorioso, d'esta ara santa, onde só lhe cumpre offerter incensos puros.

J. C. DA SILVA.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

IV.

N'ESTE ponto a auctoridade de Goes não é tão absoluta nem tão incontestavel, como muitos irreflectidamente têm inculcado. A capacidade e agudeza do chronista não as negaremos, mas no seculo em que viveu a arte critica nas suas philosophicas applicações á historia era desconhecida, e o mister de chronista reduzia-se a cirgir noticias mais ou menos disparatadas ou contradictorias, sem discussão da verdade ou da verosimilhança, sem indução, nem respeito ás consequencias emergentes. Goes foi coevo e domestico d'el-rei D. Manuel, que ordenou as diligencias a respeito da estatua: nascido em Alemquer em 1501, passou em 1510, á côrte onde se educou, e foi seu camareiro e guarda-roupa; mas não diz que viu o debuxo, que do monumento fizera Duarte de Armas, que pelos annos 1507 apparece empregado em commissões do rei, tempo em que proximamente, se effectuaria, se se effectuou, a sua ida á ilha do Corvo; nem que vira os fragmentos da estatua, que alguns dias estiveram na guarda-roupa do rei; sendo provavel, que, quando taes cousas occorriam, nem ainda Goes tivesse entrado no paço, ou, por sua juventude, nem fosse empregado n'elle. Estas circumstancias diminuem, se não destroem, a possibilidade de o suppormos já por aquelle tempo em occasião proxima e contacto directo com as cousas de estado; tirando-lhe para o nosso caso a força que teria se pudesse ser, ou elle mesmo se confessasse testemunha presencial, como o faz, a respeito d'outro objecto, na IV parte, c. 20 da chronica do mesmo rei D. Manuel, relatando cousas que na camara real ouviu em 1517, quatro annos antes do fallecimento do monarcha. Finalmente também não contestámos a probidade do chronista, mas sim a dos de quem teve lição, e que abraçaram porventura a nuvem por

Juno, conservando-se até ao fim no primeiro engano, ou fazendo profissão d'elle com tão damnada consciencia, que sacrificavam a verdade ao amor proprio. A quem não mentiria quem assim mentia ao rei, accusando a tormenta invernal, do que só fôra impericia ou desleixo proprio? Uma mentira reconhecida dá margem á desconfiança, e a supporem-se outras. N'este caso a probidade de Goes porventura naufragou archivando sem consideração ou correcção palavras dos que mentiam ou por innocencia, ou por necessidade do orgulho revoltado contra o desengano; e não se leve a mal que procuremos corrigil-o, porque já no t. 5.º p. 474, 476 e seg. da *Historia genealogica da casa real portugueza*, o padre Antonio Caetano de Sousa se permittiu censurar-lhe pouca advertencia a respeito de outro ponto; e o sr. visconde de Santarem, a p. 27 da sua obra *Recherches sur la découverte des pays situés sur la cote occidentale de Afrique*, foi contra elle, apesar dos argumentos que produzira ácerca da data da primeira viagem de Cadamosto.

Parece-nos ter definido o que n'esta discussão deve valer a auctoridade do chronista. As considerações feitas dão a quanto d'elle transcrevemos o character de noções recebidas d'outrem, e a favor das quaes está bem longe de empenhar o seu testemunho. Entraremos agora n'alguns reparos ao texto.

A cada passo nos revela Damião de Goes os poucos conhecimentos adequados que tinha no ponto que ora discutimos.

Como é que com a ilha do Corvo, por ter uma serra alta, se demarcam os navegantes, quando demandam qualquer das outras? A ilha é a menor e a mais septentrional das açorianas. Quem vae do norte, leste, ou sul; quem vae do velho mundo, topa primeiro com as outras, maiores, mais elevadas, mais grupadas emfim. Quem vem do sul ou de oeste; quem vem do novo mundo, succede-lhe outro tanto, ou primeiro avista a ilha das Flores, que se apenas está separada da do Corvo por um canal de nove milhas e meia, fica porém mais ao sul e mais á oeste, e é terra muito mais alta e volumosa. Só quem vem do norte ou nordeste da America, (o que n'aquelle tempo era derrota desconhecida ainda) a pode avistar pelo noroeste, ou norte, e ainda assim não sabemos se a avistará primeiro ou independente da proxima ilha das Flores, quando a maior montanha d'esta (o *Morro grande* ao norte) mede 942 metros, em quanto a maior elevação da ilha do Corvo é de 777 metros, no pico pelo sul da *Caldeira*.

Escrevendo do achado da estatua na chronica de D. João II em quanto principe herdeiro, (chronica que no tempo só alcança até agosto de 1481) mostra Goes que não fôra contemporaneo do achado. E não será cousa muito para admirar que tão singular antigualha fosse descoberta no reinado de D. Afonso V, atravessasse o de D. João II, e fosse perder-se no de D. Manuel, sem que nem um só documento ou escriptor contemporaneo falle n'ella, gloria que ficára reservada, a quem, depois de tudo consumado, e passado o reinado de D. João III, apparecesse no de D. Sebastião?

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

— A justiça chama sobre nós as bençãos de Deus e dos homens: e o iman não attrahe mais o ferro, nem o conductor o raio, do que a injustiça attrahe sobre as nossas cabeças todo o genero de males.

BASTOS — MEDITAÇÕES.